

NARRATIVAS TRADICIONAIS, MEMÓRIA E IMAGINÁRIO: APLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS NA PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS

ALEXANDRE DA SILVA BORGES¹; LÚCIA MARIA VAZ PERES²

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPel)* – alexandreborgesh@gmail.com

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPel)* – lp2709@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta um recorte da pesquisa doutoral intitulada **Os saberes da bruxa: o Imaginário, a Memória e a Educação Simbólica em Narrativas populares**. Este trabalho é desenvolvido no seio do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria Vaz Peres, no Programa de Pós Graduação em Educação (FaE/UFPel).

O estudo busca compreender as relações entre narrativas acerca do conhecimento popular (modos-de-fazer, práticas de cura, artesarias etc.) e a Educação. Tal intento se dá a partir da perspectiva teórica do Imaginário, principalmente com Gilbert Durand (1988, 2012); pela História das Religiões e Religiosidades, com Mircea Eliade (1992, 2011, 2013); e pelas ligações entre Imaginário e Educação, com Alberto Filipe Araújo (2009), Maria Cecília Teixeira (2016) e Lúcia Maria Vaz Peres (1996, 1999).

Os “saberes da bruxa” faz alusão a todo o conhecimento ancestral e o poder feminino. Os afetos e zelos, próprios da natureza materna, advindos de arquétipo específico, são características daquelas que benzem, que conhecem e manuseiam as plantas medicinais – uma medicina rústica (ARAÚJO, 2004). Eis uma polaridade relevante, a qual reitera a sacralidade do ventre que dá a vida, a fertilidade da terra etc. A imagem da bruxa remete a independência da mulher em relação ao homem, o que também se expressa em seu trabalho, como nas artesarias. De maneira trágica, a cultura deu à figura da mulher a marca do demoníaco, justamente por ser considerada, desde a Antiguidade, conhecedora da magia que, por sua vez, é velada em segredos (NOGUEIRA, 2004).

Tais saberes rompem as balizas do tempo e do espaço, emergindo nas narrativas dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Eis o “objeto” do estudo em voga: as narrativas tradicionais, as quais expõem memória e imaginário. No tocante à Memória, trabalha-se com a ideia de coletividade, ou seja, o primeiro plano na memória de um grupo. A força e a duração da memória coletiva tem como base o apoio de lembranças, umas nas outras, tecendo uma intensa rede de memória (HALBWACKS, 2006). Já o imaginário, este pode ser considerado como um grande museu de imagens passadas, presentes e futuras, onde toda a produção cultural humana repousa, o qual também é acionado, em processos dinâmicos (DURAND, 2012).

O objetivo do resumo, o qual pode ser entendido como um recorte da pesquisa, é apresentar os aspectos metodológicos desenvolvidos no doutorado, ainda em andamento, apontando possibilidades no trato de fontes orais, principalmente na utilização de Histórias de Vida (SANTAMARINA; MARINAS, 1994). Além disso, entende-se como necessário o compartilhamento científico no âmbito das ciências humanas, na área de Educação, ato fundamental para a lapidação da pesquisa em questão e o debate acadêmico.

2. METODOLOGIA

Mas, quem são os sujeitos desta pesquisa? Até então o trabalho elencou três senhoras, com mais de 60 anos, da comunidade do Povo Novo (3º Distrito do Rio Grande). Essas mulheres, as quais são irmãs, detém um conhecimento tradicional, nato de uma comunidade que n'outros tempos se caracterizava como sendo tipicamente rural – o que hoje já pode ser questionado, pois o urbano mescla a configuração desse espaço.

A coleta dessas narrativas, originalmente, contou com a metodologia que dispõe os estudos da História Oral. Contudo, optou-se pela informalidade das relações, o que também tangencia outro método adotado na coleta, a Observação Direta (JACCOUD; MAYER, 2008). Nesse caso, o pesquisador insere-se no ambiente dos sujeitos pesquisados (a casas de uma das três irmãs, na vila do Povo Novo), compartilha do mesmo alimento (café, bolo, chimarrão...) e, ao mesmo tempo em que faz a coleta da narrativa, sendo a mesma gravada com a devida permissão dos envolvidos, troca experiências, causos, divide alegrias e tristezas, todos embebidos do tema provocador das falas: a história de vida dessas mulheres. O registro desses encontros, em notas, é importante.

Além dos recursos supracitados, observou-se a necessidade do uso mais aprofundado dos aspectos teórico-metodológicos a partir das narrativas e histórias de vida. Essa última corresponde a relatos que são produzidos com um determinado fim/intenção, que é de elaborar e transmitir uma memória" (SANTAMARINA; MARINAS, 1994). Ainda, estes relatos podem expressar tanto a face pessoal de um determinado tema, quanto sua face coletiva, alcançando o repertório cultural de uma comunidade, em período histórico específico. Esse conjunto de dados se diferencia de um conto ou de uma lenda, por exemplo, pois é provocado por um pesquisador, o qual faz "avançar" o que se narra.

Nos estudos acerca das histórias de vida, a partir de uma perspectiva integradora, são identificadas cenas/contextos, a partir do trabalho e da produção do que se narra – como observado no quadro abaixo.

Contexto 3
Cenas vividas no passado

Contexto 2
Cenas do presente dos sujeitos

Contexto 1
Cenas da Entrevista

Quadro 1: Compreensão cênica das histórias de vida e da história oral temática.

Fonte: (SANTAMARINA; MARINAS, 1994).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pela densidade do que foi narrado, pela sua potência simbólica e cultural das falas, ouvidas e coletadas, o trabalho atual concentra-se nesse material, podendo ou não se dedicar a outros sujeitos de pesquisa.

O teor das narrativas traz inúmeras vivências, as quais apontam para uma vida feliz, de interior, com alguns atravessamentos, advindos de momentos sofridos, rigidez paterna etc. São apontados, ainda, conteúdos de ordem do

sagrado (benzeduras, simpatias e demais crenças), da ordem do trabalho (artesanias, modos-de-fazer, lavoura, afazeres domésticos e outros) da ordem das relações (aspectos familiares, formação, ensino etc.).

O constante cruzamento dessas “ordens”, as quais podem ser entendidas como “categorias” e “sub-categorias” demandam uma atenção à análise. Essas imagens estão ligadas, umas às outras, formando constelações de sentidos. O panorama desta grande imagem é, pretensiosamente, o resumo imagético da vida dessas mulheres.

O intento desta organização de imagens é entender suas ligações e, centralmente, a maneira em que tais conhecimentos são apreendidos e operados. Nesse sentido, infere-se que a formação dessas mulheres – advindas de um ambiente interiorano, educadas a partir de valores tradicionais, em condições de rusticidade e precocemente inseridas na esfera do trabalho – ocorra por meio de nuances de uma Educação Simbólica (BORGES, 2017). Na Educação Simbólica, todo o cabedal imagético transborda a partir do imaginário, porém pelas vias do rito ou da prática¹.

Resumidamente, com o decorrer do trabalho e a análise dos dados, está sendo possível perceber o quadro de compreensão cênica da seguinte maneira:

- Contexto 3: as cenas vividas no passado, emergentes nas narrativas, demonstram interações com sujeitos importantes nas vivências dessas mulheres, como por exemplo o núcleo familiar, pessoas de referência religiosa, amigos de escola. Ou seja, os relatos extrapolam o cunho individual (visão “pessoal”, sentimentos e interpretação própria), encontrando sentido na “relação” com o outro, na formação a partir da vivência coletiva.
- Contexto 2: as cenas do presente das mulheres ouvidas trazem tentativas de justificativa, ligando-se ao contexto passado. Ou seja, há uma comparação dos fatos presentes em relação ao vivido. O presente também demarca a interpretação das falas. São refeitos os caminhos da memória, a partir das intimações da conversa que canaliza a narrativa.
- Contexto 1: as cenas que emergem da entrevista dizem respeito aos acordos entre as narradoras e o ouvinte/pesquisador. Contudo, cabe ressaltar aqui as expressões advindas do ato de rememorar. Nesse caso, as cenas emergentes apresentam, resumidamente, nostalgia, saudade, porém também o sentimento de descanso (frente aos perrengues da vida).

4. CONCLUSÕES

A pesquisa encontra-se em desenvolvimento. Contudo, presume-se que o conhecimento popular expressa, pelo simbolismo presente nas narrativas, uma Educação Simbólica, a qual é contextualizada a partir do Imaginário histórico-social de um grupo (no caso, a comunidade do Povo Novo). Esses saberes possuem um contexto, o qual é atravessado pelas nuances sociais, econômicas, políticas e culturais do tempo presente. Porém, a marca da historicidade,

¹ “[a] transmissão educativa, via os elementos simbólicos [...], se dá na medida em que há um pertencimento do indivíduo com o rito. A relação da Educação Simbólica com seu educando depende não apenas da passagem do símbolo, do Cosmo ao Ser, mas sim de todo um cabedal patrimonial” (BORGES, 2017, p. 111).

justificada por expressões ancestrais, também é identificada no Imaginário dessas mulheres.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Alberto Filipe; ARAÚJO, Joaquim Machado de. **Imaginário Educacional: figuras e formas**. Niterói: Intertexto, 2009.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina rústica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BORGES, Alexandre da Silva. **A Educação Simbólica na Cantoria de Santinho em Povo Novo/RS: a musicalidade e a noite regendo o rito**. 2017. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. **Narrativas: problemas e promessas de um paradigma alternativo**. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), p. 525 – 535, 2003.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

ELIADE, Mircea. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Mito e Realidade. São Paulo; Perspectiva, 2013.

O Sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JACCOUD, Mylène; MAYER, Robert. **A observação direta e a pesquisa qualitativa**. In: A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. SALLUM JR, Basílio (Coordenador). Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e história – as práticas mágicas no Ocidente cristão**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

PERES, Lúcia Maria. **Significando o “não-aprender”**. Pelotas: Educat, 1996.

. Dos saberes pessoais à visibilidade de uma pedagogia simbólica. 1999. 167p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. **A contribuição da obra de Gilbert Durand para a Educação**: conceitos e derivações para uma pedagogia do Imaginário. In: Educere et Educare – Revista de Educação. Vol. 11 N. 21 jan./jul. 2016 p. 47 – 54.